



conferência nacional de economia da saúde

Lisboa de 13 a 15 de Outubro, 2011

Fundação Calouste Gulbenkian

<http://12cnes.apes.pt>

Avaliação de Desempenho dos Hospitais Portugueses: Aplicação de Métodos Não-Paramétricos

Pedro F. Figueiredo¹, Rui C. Marques¹

¹Centro de Estudos de Gestão, Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal

Contact: pfilipe_figueiredo@hotmail.com

Objectivos (Objectives): O objectivo principal deste estudo é Avaliar o Desempenho dos Hospitais Portugueses ao longo de quatro anos, usando métodos não-paramétricos, nomeadamente, o DEA, e também, o método de fronteiras parciais Ordem-m. Para introduzir o tema, descreve a evolução do Serviço Nacional de Saúde e faz uma revisão bibliográfica detalhada dos estudos realizados. Mostra ainda alguns passos importantes na construção de um modelo DEA e compila os inputs e outputs mais comumente utilizados. Após esta introdução, usa a primeira técnica referida, que permite calcular resultados de eficiência (técnica, técnica pura e de escala), assim como vários outros indicadores da actividade hospitalar e de seguida, o método Ordem-m, que permite considerar a influência do ambiente em que os Hospitais operam no seu desempenho.

Metodologia (Methodology): Recorre a dois modelos, o modelo I que considera os inputs financeiros: CAPEX, OPEXSTAFF e STAFF. E o modelo II, que usa como inputs representativos da produção hospitalar: EMPREGADOS e LOTAÇÃO. Os outputs, representados em número, são comuns aos dois modelos: DOENTES SAÍDOS, CONSULTAS e URGÊNCIAS. Para analisar o ambiente operacional, recorre a 14 factores explanatórios: 3 indicadores de actividade hospitalar: demora-média, taxa de ocupação e índice case-mix; 4 rácios: médicos/ empregados, médicos/ cama, enfermeiros/ empregados e enfermeiros/ cama; e ainda 7 variáveis dummy: hospitais universitários, hospitais especializados, localização regional, existência de alternativa, modelo de gestão (SEE/ SPA), organização (Centros Hospitalares/ Hospitais Singulares/ Unidades Locais de Saúde) e tipo (Hospitais Centrais/ Hospitais Distritais).

Resultados (Results): Os dois modelos apontaram para um nível médio de ineficiências da ordem dos 20%. O modelo I demonstrou que 55% das Instituições analisadas foram ineficientes e o modelo II verificou que 75% dos Hospitais analisados poderiam melhorar o seu desempenho. Permitiram também verificar que os Hospitais localizados na zona Norte foram os mais eficientes e os localizados no Alentejo os menos. Quanto ao tipo, mostraram que os Distritais obtiveram os melhores desempenhos. Relativamente à organização, verificaram que os Centros Hospitalares foram os mais eficientes. Em relação ao modelo de gestão, os resultados divergiram, devido a efeitos de escala, considerando o modelo I a gestão SPA como a mais eficiente. Quanto aos rendimentos à escala existentes, o modelo I detectou que predominaram os rendimentos variáveis à escala decrescentes, enquanto o modelo II mostrou um certo equilíbrio entre estes e rendimentos variáveis à escala crescentes. No que diz respeito ao ambiente operacional, apenas não se encontrou significância estatística para os factores demora-média, e enfermeiros/ total (modelo II). Indicando que a taxa de ocupação, a especialização, a gestão SPA, o tipo Distrital, a organização Singular, e o raio enfermeiros/ cama tiveram uma relação positiva com a eficiência. Verificando-se o contrário com o status universitário, com o índice case-mix, com os rácios médicos/total e médicos/cama e ainda com a localização em LVT.

Conclusões (Conclusions): A Avaliação do Desempenho dos Hospitais Portugueses incidiu sobre 38, 41, 40 e 40 Hospitais distribuídos pelos anos 2005, 2006, 2007 e 2008. Analisando os resultados pode-se concluir que as importantes ineficiências observadas, da ordem dos 20%, se combatidas, resultariam numa economia de milhões de euros. Os inputs, quer financeiros, quer de produção, poderiam ter sido reduzidos sem alterar a produção efectuada, ou pelo outro lado, se mantidos, poderiam ter proporcionado um maior nível de produção. A operação numa escala óptima resultaria numa possível poupança de cerca de 9% dos inputs consumidos, significando que várias Instituições operaram acima, ou abaixo da escala ideal. Os Hospitais São Sebastião, José Luciano de Castro e São Gonçalo, devido à consistência de resultados podem servir de benchmarking.